

SUMÁRIO

Apresentação à 5ª edição.....	9
Apresentação à 4ª edição.....	17
Apresentação à 3ª edição.....	23
Apresentação à 2ª edição.....	25
Prefácio	31
Introdução	35
1 ■ Trabalho, ideologia e os intelectuais:	
reflexões introdutórias	39
1.1 Características fundamentais da categoria	
trabalho no capitalismo	39
1.2 Relações entre trabalho e ideologia.....	46
1.3 O papel prático-político dos intelectuais	56

2	▪ O trabalho com grupos no Serviço Social e a incidência das Dinâmicas de Grupo: recuperações históricas e análises contemporâneas	69
2.1	Grupos e Serviço Social até a emergência da perspectiva profissional crítica	71
2.2	Os grupos no Serviço Social após a emergência da Intenção de Ruptura.....	91
3	▪ O trabalho com grupos como traço constitutivo da cultura profissional: experiências em escolas cariocas	105
3.1	O Serviço Social nas escolas municipais do Rio de Janeiro	106
3.2	A Rede de Proteção ao Educando durante a gestão municipal do DEM.....	107
3.3	A Rede de Proteção ao Educando e o surgimento do PROINAPE durante a gestão municipal do PMDB	117
4	▪ Grupo e Dinâmica de Grupo no trabalho do assistente social	131
4.1	O trabalho com grupos como opção político-metodológica	132
4.2	A relação interdisciplinar no trabalho com grupos	142
4.3	Dinâmicas de Grupo	148
4.4	Alguns resultados.....	156
	Considerações finais	163
	Referências bibliográficas.....	169
	Apêndice — Planejamento de outras Dinâmicas de Grupo ...	173

APRESENTAÇÃO À 5ª EDIÇÃO

Na apresentação à 5ª edição desta publicação foram incluídos breves elementos daquilo que vimos desenvolvendo complementarmente às reflexões por nós já sistematizadas. Trata-se aqui de determinados pontos práticos relevantes ao trabalho com grupos¹, pautados no acúmulo anterior e que, apesar de organizados em forma de tópicos, guardam relação teórico-metodológica entre si.

Tal acréscimo nesta edição tem como intuito problematizar criticamente certos itens, comumente presentes na realização de trabalhos com grupos, não abordados com foco nas edições anteriores. A ênfase atribuída ao *o que, como, por que e para que* fazer vincula-se à maior possibilidade de desenvolvimento de técnicas interventivas junto ao instrumento em questão.

1. Publicados originalmente em: MOREIRA, Carlos Felipe Nunes. Notas críticas sobre o trabalho de assistentes sociais com grupos. In: RAMOS, Adriana; SANTOS, Francine Helfreich Coutinho dos. (Org.) *A dimensão técnico-operativa no trabalho do assistente social: ensaios críticos*. Campinas: Papel Social, 2018, p. 109-127.

A leitura destes seis pontos selecionados sem antes a visitação do interior principal do livro, não tende a acarretar uma interpretação tecnicista do fazer profissional. Por outro lado, encarar estes mesmos tópicos sob a luz do debate já melhor apreendido possibilitará uma compreensão mais ampla daquilo proposto como adendo ao todo.

- **Organização da sala:**

Algumas técnicas utilizadas nos dias de hoje por assistentes sociais quando atuam com grupos de usuários já tinham recebido atenção metodológica há tempos. No passado, a preocupação com o ambiente físico, por exemplo, ocorria em função da necessidade de as pessoas verem-se umas às outras e, com isso, sentirem-se à vontade. Portanto, nas reuniões circulares, aconselhava-se que os membros do grupo se posicionassem em círculo. Mesmo que as estratégias sejam semelhantes apesar da distância temporal, as diferenciações são bem delineadas: o círculo no “Serviço Social de Grupo” tem uma função notadamente voltada para o campo emocional. Quando se organizava a sala sem um lugar de destaque, essa questão não derivava da avaliação de que um lugar separado dos demais (como a figura de um professor à frente das fileiras das carteiras dos alunos em uma sala de aula tradicional) pode hierarquizar as relações interpessoais e de saber no grupo.

- **Utilização de recursos pedagógicos:**

A criatividade é uma qualidade profissional que assistentes sociais precisam explorar bem no trabalho com grupos.

A escolha de músicas, curtas-metragens, imagens, esquetes teatrais e outros meios que podem servir de recursos pedagógicos facilitam o processo de participação e de reflexão crítica. Tais escolhas precisam ter relações diretas com os objetivos do trabalho com o grupo (fato esse que reforça a importância do planejamento). Faz-se necessário considerar também o perfil dos seus integrantes. Filmes com legendas podem não funcionar bem se o grupo é composto por pessoas com pouca escolarização, por exemplo. Levar impressa a letra de uma música pode facilitar a compreensão e potencializar o processo reflexivo. Utilizar com os integrantes do grupo encenações teatrais permite oportunizar aos sujeitos vivenciarem situações que não estão acostumados no dia a dia. Ou até mesmo inverter papéis: homens no lugar de mulheres, adultos no lugar de crianças ou adolescentes, jovens no lugar de idosos. Nessas situações, as contradições aparecem para além da fala e podem ser trabalhadas de modo interessante. Oferecer ao grupo acessórios como roupas, chapéus, óculos e bolsas para compor as personagens pode destacar ainda mais o lado lúdico da atividade.

- **Resultados concretos do trabalho com grupos:**

Dimensionar abstratamente os resultados do trabalho de assistentes sociais é algo complexo e pode ser muito impreciso. Dessa forma, costuma ser interessante a aplicação de uma avaliação junto aos integrantes do grupo ao final da atividade. A utilização de dinâmicas de grupo no processo de avaliação é uma forma de tornar esse momento menos diretivo. Outra forma importante de avaliar o trabalho é solicitar aos integrantes do grupo a produção de algum material

final. Este produto pode ser construído coletivamente ao longo dos encontros e representar a síntese de todo o processo. Além disso, quando a definição de qual tipo de material final será produzido ocorre antecipadamente, os integrantes do grupo têm maiores possibilidades de compreender objetivamente para que servem os diálogos, debates e reflexões dos quais estão participando.

Exemplo: se eu defino democraticamente com um grupo de adolescentes, no nosso primeiro encontro, que a temática principal do trabalho será racismo e elegemos como produto final a composição de uma música, os debates sobre esse tema estarão conscientemente voltados para a criação desse produto ao final dos encontros. Noutros termos: a dimensão teleológica será exercitada do início ao fim do processo, onde todos os envolvidos saberão o porquê de cada atividade que irão participar e o seu objetivo último. O produto (uma música, nesse caso) representará, ao mesmo tempo, a concretude do processo de trabalho coletivo e um material concreto de avaliação do trabalho.

- **Armadilha dos manuais e cartilhas:**

A ideologia do gerenciamento empresarial nas políticas públicas é uma tônica do neoliberalismo presente cada vez de forma mais severa nos locais de trabalho onde atuam assistentes sociais. Dessa maneira, há a ênfase de uma racionalização burocrática e de homogeneização junto aos procedimentos operativos realizados pelos trabalhadores no âmbito das políticas de assistência social, educação, saúde e previdência, por exemplo. Não raramente, cartilhas e manuais são distribuídos para orientar como o trabalho de assistentes sociais precisa ser

realizado estritamente dentro dessa lógica gerencial. Pensando especificamente no trabalho com grupos — e não desconsiderando a condição de assalariamento —, parece-me equivocado tanto seguir, passo a passo, o que regra tais documentos, como ignorá-los completamente.

Caberá ao assistente social analisar como trabalhar com as cartilhas / manuais sem abdicar dos objetivos do Serviço Social na instituição, da ampla autonomia pedagógica na condução dos grupos, no modo como as temáticas serão abordadas teoricamente, dentre outros. O caráter tecnocrático imposto por esses materiais precisa ser percebido previamente e, a partir disso, burlado na sua essência. Entendamos eles como um mapa onde o caminho a ser percorrido cabe ao assistente social decidir e, sempre que possível, ampliar o local de chegada.

- **Evitando novos e antigos erros:**

Usar o trabalho com grupos numa perspectiva autoritária, reformista, moralista, visando o policiamento dos comportamentos dos usuários e de ajuste e adequação deles ao *status quo* representa um intolerável retorno ao passado conservador da profissão, além de não ser condizente com a ética profissional. Outro ponto que merece crítica é quando o trabalho com grupos se resume apenas ao repasse de informações, sem um compromisso de assistentes sociais com a dimensão crítico-reflexiva. O papel político-pedagógico do nosso fazer profissional pode e deve ser amplamente explorado no trabalho com grupos. Se o objetivo da ação com grupos se resumir à socialização de informações burocráticas sobre direitos e rotinas institucionais, um cartaz ou um *folder* bem elaborados têm

quase o mesmo efeito e ainda tomam menos tempo da população usuária. Um trabalho com grupos requer de assistentes sociais a função de coordenação desse trabalho. Uma coordenação democrática que permita a fala de todos que desejem falar, sem imposições, e que intervenha com vistas a possibilitar a reflexão. O assistente social ficar calado a maior parte do trabalho com grupos e avaliar essa forma de condução como positiva me parece ser também um problema do qual precisamos falar.

- **Desafios:**

São muitos os desafios e eles estão relacionados a fatores diversos. Alguns são bem concretos, como questões referentes a condições de trabalho: espaço pouco adequado para a realização do grupo e recursos institucionais insuficientes para garantir utilização de vídeos, músicas e outros materiais pedagógicos. Quando o grupo tem uma periodicidade e seus integrantes são fixos, a presença dos usuários em todas as atividades do grupo também é um desafio, pois nem sempre essas pessoas têm disponibilidade efetiva de estarem presentes. A condução de um trabalho com grupo é sempre desafiadora, pois exige de assistentes sociais um bom planejamento para estudar melhor sobre os temas que serão debatidos, planejar as atividades, registrar, sistematizar e propor ações de incidência política que extrapolem os muros da instituição e que se articulem com outros sujeitos coletivos.

Outro desafio incontornável é, mesmo diante de tantos obstáculos, não abrir mão de um fazer profissional efetivamente comprometido com o projeto ético-político do Serviço Social. Como fazê-lo? Não existe resposta simples para pergunta

complexa. Durante a pesquisa sobre o tema “grupo”, uma das entrevistadas fez três indagações reflexivas: por que a gente está fazendo esse grupo? Com qual objetivo? Aonde a gente quer chegar? Ter clareza de cada uma das respostas é um desafio fundamental do qual não podemos nunca nos furtar a enfrentar, seja ou não no trabalho com grupos. Parafraseando um talentoso *rapper* carioca: não adianta buscar respostas se você não tem os porquês.²

2. Trecho da música “Demorô abrir a janela”, do Mc Marechal.

PREFÁCIO

Este livro de Carlos Felipe Nunes Moreira, originalmente produzido na forma de dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, expressa um investimento que articula, de modo singular, as preocupações teóricas e profissionais que se forjam no cotidiano de diferentes instituições onde atuam os(as) assistentes sociais em todo o território nacional.

Para todos nós, envolvidos organicamente com o processo de formação profissional e capacitação continuada dos(as) assistentes sociais, verificamos ao longo dos anos o enorme esforço empreendido por essa categoria, seja individual ou coletivamente, em tomar os desafios presentes em seu trabalho como objeto de reflexão teórica. A produção que aqui apresento tem seu principal mérito exatamente neste sentido: um debruçar-se sobre o próprio trabalho como possibilidade de se instaurar uma reflexão crítica, tão cara à superação dos dilemas e desafios que acentuam o distanciamento entre formação e exercício profissional.

Não se trata de uma reflexão alicerçada nos aportes teóricos já amplamente socializados na produção literária do Serviço Social, mas distanciada das preocupações que imprimem urgências e necessidades de mediações que a dinâmica institucional insiste em protelar. Trata-se, sim, de uma produção que, mesmo distante das rotinas de trabalho da maior parte dos(as) profissionais de Serviço Social, não foi negada como parte de um processo institucional de qualificação do qual o autor e os pesquisadores e docentes do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da UERJ ousaram abordar. Os desafios que brotam do terreno profissional não são menores, ao contrário, revelam em sua singularidade como que as políticas sociais, a dimensão política e pedagógica da profissão, o papel educador do Estado tem sido operado a partir da mediação dos programas sociais e dos instrumentais de trabalho que os(as) assistentes sociais mobilizam cotidianamente.

O reconhecimento da importância dessas mediações é o que se evidencia em primeiro lugar na forma com que Carlos Felipe estrutura sua reflexão, resgatando no diálogo com a tradição marxista os aspectos centrais que fundamentam sua aproximação com a compreensão da função intelectual dos profissionais que atuam nas políticas públicas, operando com um sistema de difusão ideológica extremamente importante para o estabelecimento de consensos sociais junto aos segmentos da classe trabalhadora que precisam da mediação das políticas públicas como parte de suas estratégias de sobrevivência e acesso aos direitos sociais. A partir das inserções ficcionais de suas personagens ilustra alguns dos desafios que se descortinam no horizonte da ação pedagógica com que os(as) assistentes sociais se defrontam em suas diferentes frentes de atuação. Não procurem ler tais situações como exemplificações,

visto que foge completamente ao intento do autor. Antes de tudo, se propõe a apresentar situações próximas àquelas que forjam as cenas profissionais no âmbito dos programas institucionais como recurso discursivo.

A dinâmica de grupo, ao longo da realização do curso de mestrado, tornou-se a questão central de sua investigação. Resgatar a produção teórica presente na literatura profissional, ao mesmo tempo em que se desenhou como um percurso necessário, também salientou uma série de interrogações sobre seu abandono na produção teórica, a diminuição de sua importância no âmbito do exercício da profissão e, sobretudo, porque adquiriu um tom de constrangimento no discurso de alguns assistentes sociais. As respostas para essas questões não constituíram o foco de seu estudo, mas são por ele evidentemente provocadas.

Enquanto profissão assalariada, muitos dos meios disponíveis ao desenvolvimento do trabalho profissional advêm dos programas e políticas com os quais operam os(as) assistentes sociais e demais profissionais. Em tempos de mais claros e contundentes mecanismos de controle do trabalho profissional, do alcance das metas institucionais e de verificação da produtividade das intervenções socialmente produzidas pelo Estado (direta ou indiretamente), os objetivos profissionais encontram grandes resistências à sua plena realização. Mas não são esses obstáculos que sobressaem na pesquisa realizada pelo autor. Ele prefere outro caminho, também importante: as justificativas e opções teóricas e metodológicas que se forjam no escopo da autonomia profissional.

As respostas apresentadas na última parte deste livro provocam necessariamente outras interrogações sobre a natureza do distanciamento que se verifica entre formação e exercício

profissional na atualidade. Não no sentido de repor antigas afirmações e dicotomias, longe disso. Mas com a intenção de compreendermos alguns dos processos que articulam as mudanças no mundo do trabalho e no âmbito do Estado, principal empregador dos(as) assistentes sociais, e as direções que se afirmam no campo da formação profissional em um contexto de ampla diversificação das formas institucionais de sua realização e de massificação do acesso à educação superior. A interrogação central a que Carlos Felipe nos conduz diz respeito ao tipo de requisição de ação intelectual que vem sendo feito nos espaços ocupacionais e que se desdobra na mobilização de um acervo técnico-instrumental que embora constitutivo da cultura profissional e com nítidas possibilidades de uso numa dimensão crítica, articulada ao esforço de desvelamento da realidade social, não necessariamente adquire esta feição.

A leitura deste livro não se desvincula da intenção de sua publicação, ou seja, apontar a necessidade de que a ação profissional seja contínua e progressivamente refletida, sobretudo por aqueles que estão diretamente envolvidos neste processo: os(as) assistentes sociais que cotidianamente se interrogam sobre as opções e rumos da ação profissional como resultante de um processo que confronta autonomia técnica e condições de trabalho, não como uma antinomia, mas como tensão, como singularidade, como parte da construção da história profissional que não se desvincula da história social, das lutas pela ampliação dos direitos sociais.

Niterói, julho de 2013.

Ney Luiz Teixeira de Almeida

INTRODUÇÃO

Provavelmente você, assistente social, tem para contar uma boa história que viveu durante a realização de um grupo em seu local de trabalho, ou uma Dinâmica de Grupo que obteve grande sucesso e que atingiu plenamente os objetivos propostos. Acreditamos que boa parte dos assistentes sociais já tiveram experiências (positivas e negativas) em seu exercício profissional com grupos de usuários. Assim como estamos certos de que muitos assistentes sociais se utilizam recorrentemente das Dinâmicas de Grupo nessas atividades grupais.¹

O trabalho com grupos é uma prática inerente à cultura profissional do assistente social e está presente no trabalho de campo desde seus primórdios. Mesmo após todas as mudanças pelas quais o Serviço Social brasileiro experimentou — em especial com o Movimento de Reconceituação — este

1. Com o objetivo de proporcionar um espaço para assistentes sociais terem maior acesso a Dinâmicas de Grupo, poderem socializar Dinâmicas que já conhecem ou que inventaram, comentar os resultados e as dificuldades que experimentaram ao utilizarem-nas etc., criamos, durante a produção deste livro, o *blog* “Dinâmica de Grupo e Serviço Social” (dinamicasdegruposervicosocial.blogspot.com).

instrumento permanece ocupando um importante lugar no arsenal técnico-operativo de seus profissionais. Muitas são as formas de se explorar a dimensão político-pedagógica do assistente social durante um trabalho grupal e, desta forma, neste livro elegemos pôr luz em uma técnica bastante utilizada por assistentes sociais quando atuam com grupos: a Dinâmica de Grupo.

Através de análise documental e pesquisa de campo, investigamos as maneiras que os aportes nucleares do Serviço Social se expressam nas experiências profissionais estudadas, observando os motivos principais que levam assistentes sociais a optarem por atuar com grupos de indivíduos, as formas que estes profissionais entendem e conduzem este tipo de trabalho, além dos resultados obtidos a partir destas intervenções.

Este livro tem por intuito contribuir com o adensamento dos esforços que vêm sendo realizados no que diz respeito às análises e interpretações do trabalho de campo do assistente social, tendo como recorte principal as ações desenvolvidas com grupos. E mostrar de que formas as Dinâmicas de Grupo podem se colocar como estratégia profissional para a exploração da reflexão crítica e para a ampliação de visão de mundo dos usuários dos serviços sociais com os quais trabalhamos nos mais diversos espaços sócio-ocupacionais. Pensamos que, ao investigarmos um campo ainda insuficientemente explorado, possamos contribuir com o processo de estudo, difusão e implementação prática dessa técnica social que acreditamos revelar importantes potencialidades.

Nosso material empírico tem como base experiências profissionais de assistentes sociais em escolas do município do Rio de Janeiro. O cenário escolhido não limita o nosso conjunto

de análises a ele próprio. Nosso intento é possibilitar aos profissionais de Serviço Social — seja de qual região do país for — se debruçarem intelectualmente sobre determinados elementos comuns constituintes do processo de trabalho no qual se insere o assistente social (seja ou não trabalhador da política de educação): o trabalho com grupos como opção político-profissional, as tensões próprias de relações interdisciplinares, as Dinâmicas de Grupo como possíveis veículos da reflexão crítica etc.

Nosso trabalho parte de um investimento analítico pautado em categorias universais simples que conformam os princípios da teoria de Marx e que sustentaram o desenvolver do movimento de síntese por nós efetuado, até culminar na dimensão particular desse estudo: as experiências profissionais de assistentes sociais com grupos de usuários.

Dividido em quatro capítulos, a abordagem se inicia através do resgate da contribuição marxiana no que tange à estrutura da sociedade capitalista. Os estudos de Gramsci, por sua vez, nos possibilitaram analisar os elementos constituintes do bloco histórico e a função dos intelectuais na sociedade atual, com ênfase principal na abordagem da categoria cultura que perpassa todo o nosso estudo.

No capítulo dois, apresentamos como o trabalho do assistente social com grupos vem se transformando ao longo da história profissional, as influências teóricas e políticas que, em períodos distintos, o modela e suas conexões com o conjunto de elementos que particulariza cada um dos seus momentos sócio-históricos. É neste terreno que tentamos observar as transformações operadas tanto no perfil pedagógico do assistente social quanto no âmbito da técnica interventiva conhecida atualmente como Dinâmica de Grupo.

Nos dois últimos capítulos buscamos, por meio de um esforço de sistematização, realizar uma breve exposição de como vem se (re)configurando o trabalho de assistentes sociais em escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro, em suas generalidades e questões particulares. Com base em análise documental e pesquisa de campo, procuramos investigar as formas que assistentes sociais pensam e executam o trabalho com grupos nas escolas onde estão inseridos e como as Dinâmicas de Grupo se revelam nesse contexto.

Convidamos o leitor a mergulhar em águas ainda insuficientemente exploradas pela corrente crítica do Serviço Social e, a partir de novos esforços reflexivos que possam posteriormente emergir, assim, contribuir com o processo de adensamento do debate de bases crítico-dialéticas acerca do trabalho atual do assistente social no campo interventivo.

Esperamos que a leitura deste livro contribua junto aos profissionais de Serviço Social — principalmente aqueles que lidam cotidianamente e de forma direta com a população usuária das políticas e serviços sociais — para um alargamento da compreensão sobre a dimensão pedagógica inerente ao trabalho do assistente social (em especial ao atuar com grupos) e do seu potencial político. Se esta expectativa for suprida em maior ou menor escala, a função principal deste livro fora plenamente satisfeita.

Carlos Felipe N. Moreira

Rio de Janeiro, junho de 2013.